

VÍNCULOS FAMILIARES E OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO

Júlia Janeri de Souza¹, Karoline Cordeiro², Rute Grossi-Milani³,
Bruna Rafaela Milhorini Greinert⁴

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. juliajanerii@gmail.com

²Acadêmica do Curso, Psicologia da Universidade Cesumar - UNICESUMAR.

³Coorientadora, Doutora, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Unicesumar. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação. Bolsista Produtividade em Pesquisa do ICETI. rute.milani@unicesumar.edu.br

⁴Orientadora, Mestre, Docente da UNICESUMAR.

Recebido em: 15/11/2021 – Aprovado em: 15/12/2021 – Publicado em: 30/12/2021

DOI: 10.18677/EnciBio_2021D47

trabalho licenciado sob licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

RESUMO

O presente estudo buscou, por meio de uma abordagem qualitativa exploratória, analisar como os vínculos familiares desenvolvidos durante a infância influenciam em distúrbios alimentares, como por exemplo a obesidade em adolescentes. Foram entrevistadas sete famílias que tinham pelo menos um filho adolescente que participava do projeto de extensão multiprofissional para tratamento da obesidade em uma universidade do noroeste do Paraná. Os dados obtidos com os relatos das famílias foram examinados por meio da análise de conteúdo. Verificou-se que os vínculos familiares desenvolvidos interferem no desenvolvimento do adolescente e influenciam seus hábitos alimentares. Constatou-se uma relação entre os padrões de vínculos estabelecidos entre pais e adolescentes e sua relação com o quadro de obesidade nos adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: adolescente; distúrbios alimentares; hábitos alimentares; rotina familiar.

FAMILY BONDS AND OBESITY IN ADOLESCENCE: A CASE STUDY

ABSTRACT

The present study sought, through an exploratory qualitative approach, to analyze how family ties developed during childhood influence eating disorders, such as obesity in adolescents. Seven families with at least one teenager participating in the multiprofessional extension project for obesity treatment at a university in the northwestern Paraná were interviewed. The data obtained from the families' reports were examined using content analysis. It was verified that the family bonds developed interfere in the adolescents' development and influence their eating habits. A relationship between the patterns of bonds established between parents and adolescents and their relation with obesity in adolescents was verified.

KEYWORDS: adolescent; eating disorders; eating habits; family routine.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o vínculo que a criança estabelece desde os seus primeiros dias de vida é de configuração fundamental para o seu psiquismo. Zimerman (2011) define o termo “vínculo” como originário do latim “vinculum” que remete a uma união, de forma duradoura e estável. A partir disso, a noção de vínculo se expande e passa a ter o intuito de promover a satisfação das necessidades afetivas do bebê pela mãe. O autor destaca: “A qualidade dos vínculos em todas as situações de relacionamentos é que determinará a qualidade de vida de cada pessoa em particular” (p. 26). Ademais, Winnicott (1956) em sua teoria fala da importância desse vínculo parental para o desenvolvimento saudável do sujeito, e se ocorrem falhas nessa fase primitiva há o desenvolvimento de psicopatologias.

Santos *et al.* (2016) em estudo com participantes de um grupo de apoio para familiares de pessoas diagnosticadas com transtornos alimentares, descreveram algumas características dos padrões familiares que estavam associadas aos distúrbios alimentares. Constatou-se que as famílias apresentavam um emaranhado de conflitos emocionais, com fronteiras rarefeitas e indefinidas, formando uma fusão entre as pessoas da família, não havendo limites e a separação da identidade individual da matriz familiar, principalmente da figura materna. Tais famílias apresentavam dificuldades de aceitar a autonomia dos membros, por meio de superproteção, controle, dificultando o processo de separação e individuação dos mesmos, em que esses adolescentes são percebidos pelos pais como imaturos e extremamente dependentes. Oliveira-Cardoso *et al.* (2018) salientam que modelos de relacionamentos familiares regredidos, que se baseiam na tentativa de suprir todas as necessidades dos filhos, torna-os incapazes de lidar com as frustrações da realidade e a constituição de sua subjetividade.

De acordo com Figueiredo (2019), os transtornos alimentares têm causas multifatoriais. Dentre os fatores estudados pela autora, destacam-se os relacionamentos familiares, que muitas vezes são considerados disfuncionais, com muitos conflitos, dificuldade de vínculos e perda dos papéis sociais desempenhados pelos pais, além de características da própria personalidade, como imaturidade egóica e insegurança.

Vínculos afetivos frágeis prejudicam o desenvolvimento saudável de uma criança, podendo comprometer a saúde, integridade física, desempenho escolar e o ajustamento social e emocional no decorrer da vida, em que maus tratos e eventos adversos na infância, como estressores, separações, doenças e violências podem ocasionar o surgimento de problemas posteriores na vida adulta, sejam físicos ou psíquicos (SOUZA *et al.*, 2019). De acordo com o Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2016), os adultos e cuidadores devem zelar pela sobrevivência e desenvolvimento da criança dando-lhes condições saudáveis para isso, como alimentação, segurança e conforto.

A partir das discussões sobre os vínculos familiares, é necessário discutir acerca do comportamento alimentar. É importante reunir os conhecimentos sobre as relações familiares e como as mesmas intersectam os transtornos alimentares, buscando entender como a dinâmica das famílias envolvidas e o padrão de comunicação dentro das mesmas influencia diretamente no quadro clínico apresentado pelos adolescentes (SIQUEIRA *et al.*, 2020). Hansson *et al.* (2017) acrescentam que há uma possível associação entre o surgimento de transtornos alimentares e a desregulação emocional entre os adolescentes, pois os filhos tendem a imitar a maneira como os pais lidam com as emoções.

Vianna e Novaes (2020) evidenciam que pacientes com transtornos alimentares discorrem sobre problemática do narcisismo, que traz à tona questões referentes à diferenciação e à formação identitária, e remontam às fases mais primitivas do desenvolvimento infantil. Nestes casos ocorre uma dificuldade na delimitação entre mundo interno e externo, que pode resultar em distorções da imagem corporal.

Moura *et al.* (2015) colocam que a obesidade revela um complexo de identificações positivas e negativas que se compreendem de forma genealógica, de forma que as psicopatologias do comportamento alimentar estão centradas nos investimentos do intercâmbio alimentar e na relação estabelecida principalmente na relação mãe-filha. A partir dessas compreensões, os autores acrescentam que as mães que possuem filhos obesos, diante de qualquer demanda que eles venham a apresentar, os respondem com a alimentação, e essas crianças passam a não conseguir diferenciar o que é fome e o que é sensação de desconforto, utilizando para todas as situações a alimentação como forma de resolver.

Freud em Totem e Tabu (1913) considera o alimento como promotor de enlace social, e quando incapacitado de exercer essa função, passa a ser compensador da angústia. A partir desta análise, pode-se pensar que na atualidade ocorreu um aumento dos casos de transtornos alimentares, porque o modo de organização da sociedade mudou, e o alimento é visto como compensador da angústia, por isso na obesidade há o excesso de alimento, para preencher o vazio interno causado pela angústia.

Ao falarem de obesidade infanto-juvenil, Carvalho *et al.* (2013), mostram que somente 5% dos casos são devido a causas endógenas, mas 95% dos casos são por causas exógenas associadas a fatores como o desmame precoce, rotina ineficaz ou inexistente de atividades físicas, alimentação muito calórica e também dinâmicas familiares consideradas disfuncionais. E como apontam Melo *et al.* (2011), isso pode comprometer também a saúde psicológica e social do adolescente, pois afeta diretamente a autoestima, que está ligada pela dificuldade de aceitação da autoimagem corporal, do sentimento de fracasso, inferioridade, de vivências de estigmatização e *bullying*.

A expansão tecnológica, relacionada ao comportamento alimentar, também possui significativas interferências na vida dos adolescentes, como por exemplo, a mudança dos hábitos alimentares e o sedentarismo. Rodrigues *et al.* (2020), constataram em seu estudo que mais da metade dos adolescentes entrevistados passavam cinco horas ou mais na frente da televisão. Em contrapartida, verificaram entre os adolescentes que ficavam menos tempo maior consumo de vegetais do que aqueles que despendiam mais tempo em frente ao televisor.

Ao pensar na influência que a mídia exerce atualmente, Copetti e Quiroga (2018) colocam que entre os adolescentes o uso da internet se disseminou de forma muito acelerada, os mesmos são mais vulneráveis à influência exercida pela mídia, pelas transições e desafios que essa fase da vida apresenta, de mudanças biológicas, cognitivas e sociais. Com isso, com as novas tecnologias e a rápida disseminação de informações, Maciel (2013) discorre que as redes sociais disseminam muitas imagens de padrões estéticos vigentes, que visam alguma lucratividade e que influenciam os adolescentes. Com isso, Ribeiro (2016) coloca que mesmo de forma indireta as redes sociais podem influenciar na baixa autoestima e a crescente necessidade de se enquadrar no padrão de beleza vigente.

Também há dificuldades nas famílias para lidar com a obesidade nos seus filhos, como aponta Rocha (2017), a falta de apoio familiar é vista como ligada à

obesidade na infância e adolescência, assim como a dificuldade de enfrentamento desse transtorno. A obesidade e a dificuldade em tratá-la está relacionada com relações afetivas frágeis entre o adolescente e sua família, que resultam em diversos prejuízos, como na obtenção de autonomia e segurança, além de dificuldades emocionais, que podem acarretar um aumento na gordura corporal dessas crianças ou adolescentes.

O adolescente passa pelo que Aberastury e Knobel (1981) chamaram de “síndrome normal da adolescência”, essa fase se caracteriza como perturbadora. O adolescente entrará em conflito com sua identidade, porém esse processo é necessário, uma vez que irá contribuir para a formação da mesma. Na busca por identificações, o meio no qual o adolescente está inserido tem grande influência sobre seu agir e pensar. Por si só a adolescência é conflituosa, pois já existem os lutos desta fase que deixam o adolescente angustiado. Se ele não tem o apoio familiar, agrava ainda mais seu quadro.

A família continua sendo a influência principal para a formação da identidade do adolescente, porém, com as diversas mudanças que ocorreram e ocorrem na dinâmica familiar, Almeida *et al.* (2018) evidenciam que a inserção da mulher no mercado de trabalho remunerado, o aumento do número de separações e divórcios, a tecnologia, esses fatores entre outros impactam no âmbito familiar, e consequentemente sobre o adolescente.

Diante do exposto, o presente estudo buscou, por meio de uma abordagem qualitativa exploratória, analisar como os vínculos familiares desenvolvidos durante a infância influenciam em distúrbios alimentares, como a obesidade em adolescentes.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa exploratória, o qual propõe maior aproximação com o tema e aprofundamento dos conhecimentos. Dessa forma, faz-se necessária a realização de levantamentos bibliográficos, entrevistas e análises de exemplos que ampliem o entendimento do tema (GIL, 2002). O levantamento de dados do presente estudo baseou-se em bibliografias acerca dos vínculos familiares e o desenvolvimento da obesidade em adolescentes, a partir de artigos, periódicos e livros. Após o levantamento, foram entrevistadas sete famílias que tinham pelo menos um filho adolescente que participava do projeto de extensão que visa o tratamento multiprofissional da obesidade em adolescentes oferecido por uma universidade do noroeste do Paraná. Dentre os critérios de exclusão, destacam-se: indivíduos com menos de 11 anos e maiores de 16.

Enquanto instrumento foi utilizada uma entrevista contendo 27 perguntas semiestruturada, produzida pelos próprios autores e que possibilitou a exploração das questões do tema, auxiliando em uma compreensão integral dos fenômenos a serem esclarecidos. Dentre os tópicos abordados, destacam-se: histórico do desenvolvimento do adolescente e da dinâmica familiar, hábitos alimentares do grupo familiar, rotina de trabalho dos pais e experiências de lazer da família.

Inicialmente foi realizada uma seleção das famílias que se enquadravam nos critérios do estudo, sendo selecionadas 10 famílias, porém apenas sete se dispuseram a participar da entrevista para coleta de dados. No encontro com as famílias entrevistadas foram esclarecidos os aspectos éticos da pesquisa e coletada a autorização. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o protocolo 4.406.190.

As entrevistas se deram de forma remota, pois devido a pandemia de COVID-19, foram seguidas as normas de restrição de contato pessoal para o período, visando a diminuição da propagação do vírus. Contudo, os devidos cuidados foram tomados para que a entrevista acontecesse de forma efetiva. Uma chamada de vídeo foi realizada com cada familiar, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Estas entrevistas, sob consentimento dos participantes, foram gravadas para posterior transcrição e análise.

Em termos de análise de dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), em específico, a Análise por Categorias Temáticas, a qual pretende agrupar os dados obtidos de forma a elucidar os fenômenos ali contidos (CAREGNATO, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos, os resultados serão apresentados em três categorias: Vínculos familiares, rotina de trabalho dos pais e obesidade na adolescência que adolescentes com distúrbios alimentares vivenciam na contemporaneidade; Rotina familiar, o uso de tecnologias e a relação com a obesidade; O uso da comida e o preenchimento de lacunas emocionais oriundas do sentimento de vazio.

Vínculos familiares, rotina de trabalho dos pais e obesidade na adolescência que adolescentes com distúrbios alimentares vivenciam na contemporaneidade

Segundo os dados levantados, observou-se que seis das sete famílias entrevistadas apresentaram um quadro de obesidade na família. Verificou-se no presente estudo que os adolescentes apresentam vínculos familiares permeados pela falta de tempo dos pais, já que das sete entrevistas realizadas com os genitores, em quatro os pais se mostraram bastante atarefados e com pouco tempo para disponibilizar aos filhos. Lervolino et al., (2017) corroboram que a jornada intensa de trabalho dos pais leva-os a não conseguir ensinar os filhos bons hábitos alimentares, além de que, de acordo com os próprios adolescentes, quando os pais não estão presentes no horário da refeição, eles optam por consumir guloseimas, como biscoitos, ao invés da refeição completa, que é necessária para a boa ingestão de nutrientes. Tal fato foi perceptível neste estudo pois nas entrevistas realizadas, alguns pais relataram ter tempo para passar com os filhos somente nos finais de semana, e outros informaram que os filhos fazem as refeições sozinhos ou na casa de avós.

Ao se pensar na relação com a amamentação, quatro das mães entrevistadas apresentaram dificuldades para amamentar, seja por falta de leite ou por dificuldades da criança. Sendo assim, de acordo com Mishima e Barbieri (2009), essa dificuldade de amamentar pode gerar distanciamento afetivo da mãe com o bebê, dificultando muitas vezes o contato entre eles, e conseqüentemente a transmissão de confiança e segurança. Essa situação pode gerar deficiência no que Winnicott (1958) chama de *holding*, que se refere ao manejo com o bebê, ao cuidado, à amamentação, e essa deficiência gera prejuízos na capacidade de simbolizar, o que faz com que o bebê busque o alimento para suprir essa carência, gerando comportamentos alimentares disfuncionais, como uma fome excessiva, que o leva a ingerir uma maior quantidade de alimentos.

A amamentação contribui como um fator protetivo contra a adiposidade em crianças e conseqüentemente em adolescentes. Santos *et al.* (2016) em seus

estudos com bebês constataram que aqueles que faziam a alimentação exclusivamente pela amamentação, apresentavam melhor estado nutricional do que aqueles que receberam aleitamento materno misto, sugerindo que o aleitamento materno exclusivo é um fator de proteção contra o ganho de peso. Estudo que vai ao encontro com o de Caldeira *et al.* (2015) que buscaram verificar a prevalência do excesso de peso em crianças pré-escolares e a relação com a amamentação, e foi constatado que o aleitamento materno exclusivo por seis meses é um fator de proteção contra o excesso de peso.

De acordo com Carrazzoni *et al.* (2015), o uso da chupeta e da mamadeira podem estimular o desmame precoce. Tais fatos foram confirmados nas entrevistas realizadas neste estudo, pois quatro das mães que não tiveram problemas com a amamentação, a interromperam mesmo assim antes do tempo adequado indicado de seis meses, e que segundo os autores supracitados, este pode ser um fator de risco que influenciou o quadro de obesidade nos adolescentes analisados.

Os padrões de vínculos familiares também incluem os hábitos alimentares dos pais, que influenciam diretamente na escolha dos filhos, e na obesidade. De acordo com Melo *et al.* (2017), o comportamento dos pais durante as refeições está intimamente ligado ao excesso de peso na infância, devido às escolhas e ao estilo alimentar, cada vez mais marcado por dietas hipercalóricas, ricas em gordura, açúcar e sódio. Além de que os pais não têm boas escolhas alimentares, ou seja, não consomem o mesmo que seus filhos, e muitas vezes oferecem “refeições especiais”, o que faz com que a criança recuse certos tipos de alimentos. E com isso há a formação do padrão alimentar, que irá perdurar no decorrer da vida da criança, do adolescente e muitas vezes, do adulto.

Nas entrevistas realizadas, foi constatado que os pais também não gostam do que oferecem aos filhos, por mais que comprem e ofereçam aos mesmos. E em todas as entrevistas foi constatado que os pais oferecem “refeições especiais” aos filhos, principalmente nos finais de semana, repletas de gordura, açúcar e sódio.

Os autores D'Avila *et al.* (2015) em seus estudos, comprovaram que o estado nutricional da mãe está associado ao sobrepeso e obesidade nos adolescentes, visto que a mãe, como dito anteriormente, influencia na formação dos hábitos alimentares dos filhos com o seu exemplo. Além do mais, a omissão da refeição do café da manhã, está associada à maior ocorrência de sobrepeso e obesidade, e essa omissão pode ser por dietas restritivas, por falta de tempo, ou pela falta de incentivo dos pais. Essas informações são corroboradas com os dados colhidos nas entrevistas, pois cinco das mães entrevistadas apresentavam sobrepeso, e cinco delas relataram a dificuldade dos filhos em fazer a primeira refeição do dia, negligenciando ou a fazendo muito posteriormente ao horário próximo do acordar. Com isso, pode-se perceber com a coleta de dados, vínculos permeados pela falta de tempo, e pela disfuncionalidade da rotina dos pais, que será abordado a seguir.

Rotina familiar, o uso de tecnologias e a relação com a obesidade

A rotina familiar está intrinsecamente ligada ao trabalho, considerando que o trabalho é uma condição essencial ao homem, não somente pela manutenção financeira, mas por estar inteiramente interligado com as necessidades de realização dos sujeitos. Medeiros (2017) afirma que a articulação entre trabalho e família é uma das questões fundamentais da sociedade, considerando que nos últimos tempos houveram grandes transformações no que diz respeito ao que se entende como trabalho, bem como a compreensão do que é família. Sendo essas duas instituições correlacionadas. Feijão e Moraes (2018) sinalizam que as demandas e exigências do

trabalho refletem de forma significativa na dinâmica familiar, pois devido a rotina exaustiva de trabalho e as demais responsabilidades, os pais dedicam pouco ou nenhum tempo junto a seus filhos, o que prejudica de forma direta o estabelecimento de sentidos afetivos, logo a fragilidade do vínculo entre pais e filhos colabora para as vivências familiares empobrecidas.

De acordo com os dados obtidos neste estudo, a tecnologia e a internet estão presentes no cotidiano das famílias entrevistadas, o uso de *smartphones*, *tablets* e *smart tv* são utilizados como entretenimento pelos adolescentes. Cartaxo (2018), complementa ao dizer que se tornou rotineira a superexposição aos meios tecnológicos, atendendo as necessidades de entreter as crianças e adolescentes, em vista a compensar a ausência dos pais nas atividades familiares com seus filhos. Pedrosa e Bonfim (2017) dizem que o convívio familiar entre pais e filhos está se modificando e ficando cada vez menos afetivo e que embora convivam no mesmo ambiente a atenção tem sido voltada cada vez mais para a tecnologia. Tal fato foi constatado no presente estudo, por meio das falas dos pais:

O período que passamos juntos normalmente se dá pela noite. E nos demais momentos, L. e L. assistem tv, jogam jogos, mexem no celular, vão ao grupo ou fazem atividades em casa (M2). Ele lê algum livro, joga vídeo game, joga bola, assiste tv, assiste séries e filmes (M5).

Em estudo realizado pelos autores Silva *et al.* (2020), com participantes do Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (ERICA), constataram que adolescentes que fazem a maioria de suas refeições junto aos seus pais/responsáveis apresentam menor prevalência em desenvolver obesidade, e com base nos dados levantados na pesquisa em questão percebeu-se que os momentos junto a mesa se dão com maior frequência nos finais de semana, quando os pais e os filhos saem para fazer uma das refeições em restaurantes ou lanchonetes. Das sete entrevistas realizadas, apenas em uma foi enfatizada a importância de se sentar à mesa com a família para fazer as refeições. Com a presença da tecnologia e uso das telas, e a ausência dos pais como resultado de uma rotina sobrecarregada, se tornou recorrente o consumo de alimentos com baixo valor nutricional e alto teor calórico. Oliveira *et al.* (2016) advertem que o uso excessivo das telas e da tecnologia por adolescentes está diretamente relacionado com o consumo de alimentos não saudáveis, sendo este um dos fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares.

A tecnologia somada a alimentos com grande valor calórico e baixo valor nutricional age como um sistema de recompensa no organismo, apontam Silva e Abreu (2020). Desta forma a comida pode representar a fuga de problemas emocionais ou conflitos interpessoais, na tentativa de obter um alívio para si mesmo ou mascarar os problemas emocionais. Com laços afetivos entre pais e filhos cada vez mais fragilizados devido a interferência negativa da tecnologia, bem como os reduzidos momentos de qualidade entre família, o alimento que antes era agente de enlances afetivos, passa a ser material para preencher o vazio existencial. Desta forma evidencia-se a importância do vínculo entre pais e filhos e a representação que o olhar dos pais exerce sobre eles. Zimmerman (2010) escreve que além da satisfação das necessidades orgânicas, o vínculo também abarca a tarefa de proporcionar a satisfação das necessidades afetivas.

O uso da comida e o preenchimento de lacunas emocionais oriundas do sentimento de vazio

Bortolotti *et al.* (2015) trazem a questão das patologias do vazio, que corresponde ao sentimento de vazio que é expresso no corpo; há a presença de uma “fome psíquica” de experiências autênticas. Com isso, muitas vezes esse sentimento de vazio é intenso demais e difícil de ser tolerado, levando o sujeito a recorrer a objetos externos, como a comida, uma forma de aditivo ante a angústia. E isso apareceu nas entrevistas realizadas quando as mães relataram que os filhos apresentavam voracidade ao se alimentarem, apresentavam um comer compulsivo, para o qual não há limites, como é relatado pelas mães deste estudo: “*Meu filho não consegue comer uma banana, ele tem que comer um cacho inteiro*” (M6).

“*Minha filha tem dificuldade para começar a comer, mas também tem dificuldade para parar*” (M4).

Klein (1946/1991), discorre a respeito de duas posições, a esquizoparanóide e a depressiva. Com isso, ela diz que com a passagem para a posição depressiva é que se iniciam os processos de simbolização, no qual o ego começa a ser capaz de lidar com as ansiedades em relação a perda de objetos. Porém, se na fase esquizoparanóide da infância não ocorreu um suficiente desenvolvimento e o bebê não conseguiu lidar com as ansiedades depressivas, o ego regride à posição esquizoparanóide, aparecendo sentimentos persecutórios, os quais segundo Farah e Castanho (2018), faz com que o sujeito não consiga lidar com as perdas de objetos, se relacionando com eles de maneira esquizóide, comendo compulsivamente, tal fato também constatado no presente estudo. Se acaso deixarem de comer compulsivamente, aparece uma significativa ansiedade persecutória, que anteriormente era suprimida pela excessiva ingestão de alimentos. McDougall (1983) fala desses comportamentos como atos-sintomas, de forma que as falhas da simbolização são compensadas por um agir compulsivo, como por meio da alimentação, para reduzir a intensa dor psíquica.

Ao analisar a comida como uma forma de aditivo, pode-se pensar então na sua função, enquanto representante de uma fuga e como representante de uma fonte de prazer. Teodoro *et al.*, (2017) identificaram em 83,3% dos entrevistados em seu estudo que a comida representava uma fuga ou fonte de prazer, sendo um ato sem reflexão, com posterior arrependimento. Os autores também destacam o fato da comida ser uma experiência de prazer quando é vivenciada com os familiares, o sentar à mesa, a troca de afetos, no qual os limites muitas vezes são desconsiderados, pela tentativa de prolongar o momento prazeroso de troca com a família e na tentativa de suprir um sentimento de vazio, para escapar de um sofrimento, que muitas vezes acaba gerando outro, pela culpabilidade do comer excessivo. Esses fatos são corroborados pelas entrevistas analisadas, pois foi identificado que nos finais de semana há a presença de refeições “diferentes”, além de intensos exageros, principalmente de açúcares.

Além do mais, constatou-se na análise dos dados que quatro das sete mães entrevistadas tiveram complicações na amamentação, e o principal motivo foi a falta de leite, relatado por elas como “o leite secou” ou “o leite não desceu”. Nesta mesma perspectiva, Campos *et al.* (2012) discorrem que o ressecamento do leite faz com que surja uma angústia no bebê, que posteriormente compensa buscando objetos externos, como a comida, para suprir sua demanda emocional, não satisfeita com a amamentação. O sujeito se engana pela demanda do alimento na tentativa de

recuperar o leite perdido, ou seja, o sujeito tem medo de que a comida possa vir a faltar, igual aconteceu com o ressecamento do leite materno.

Diante do sentimento de vazio, o sujeito procura na comida o retorno ao estado primitivo, ao estado ao qual o objeto que falta estava presente e tudo era mantido sob controle, sem a dor da perda. Buscando de forma inconsciente resgatar a segurança materna. Segundo Vianna e Novaes (2019), a comida oferece portanto alívio frente ao sentimento de vazio, ainda que seja temporário e inadequado, e simultaneamente está acompanhado do sentimento de culpa e arrependimento, como comprova a fala de uma das mães entrevistadas, ao qual relatou que seus filhos comem vorazmente em momentos ansiosos, afirmando: *Ele é muito ansioso, não se controla ao comer (M1)*.

CONCLUSÕES

Com base nos dados coletados, evidenciou-se que os vínculos familiares são permeados pela falta de tempo dos pais, e conseqüentemente a uma rotina alimentar disfuncional. Constatou-se também fragilidade nos vínculos entre os pais e os filhos, que influencia o desenvolvimento de ansiedades e angústias nos adolescentes que utilizam a comida como forma de preenchimento e alívio emocional. Confirmando, portanto, que a comida é utilizada na tentativa de preencher as lacunas emocionais oriundas de um sentimento de vazio.

O estudo revelou a necessidade de novas pesquisas empíricas que contribuam para a compreensão da obesidade na adolescência e a relação deste quadro com possíveis conflitos emocionais vivenciados pelo adolescente. Neste sentido, é necessário que gestores, profissionais de saúde e comunidade reivindiquem a implantação de políticas públicas destinadas à conscientização dos pais e familiares sobre a importância de uma alimentação saudável e de hábitos saudáveis na vida dos filhos, além de espaços que permitam a troca de informações e atendimento com profissionais capacitados na área.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico, 1981. Porto Alegre, **Artes Médicas**, 1981. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxtb2lzZXN2YXNjb25jZWxvc2Jsb2dzcG90Y29tYnJ8Z3g6MmVIZGNjOWZmNDIzOThhMA>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

ALMEIDA, A.C.; LIMA, J. E.; COSTA, L.V. A Participação da Mãe no Mercado de Trabalho e o Diferencial de Anos de Estudo por Gênero entre Adolescentes. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 597-622, Dec. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612018000400597&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-41614842ajl>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2011.

BORTOLOTTI, A.L.S. Do ato a fala: a construção de sentido na clínica da obesidade. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n. 16, jan./dez. 2015 Disponível em: http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/edicao15/04_artigo_do_ato_a_fala.pdf. Acesso em: 20/10/2021.

CALDEIRA, K.M.S.; SOUZA, J.M.P.; SOUZA, S.B. Excesso de peso e sua relação com a duração do aleitamento materno em pré-escolares. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo , v. 25, n. 1, p. 89-96, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2021.

CAMPOS, S. Comida: semblante do objeto a. Edição v. 18 n. 1 (2012): **Psicologia em Revista**. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n1p28>>. Acesso em: 22 out. 2021.

CAREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto enferm**, 2006, 15.4: 679-84. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/?lang>>. Acesso em: 30 out. 2021.

CARRAZZONI, D. S.; PRETTO, A. D. B.; ALBERNAZ, E. P.; PASTORE, C. A. Prevalência de fatores na primeira infância relacionados à obesidade em crianças atendidas em um ambulatório de Nutrição. RBONE - **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 9, n. 50, p. 74-81, 25 maio 2015. Disponível em: <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/361>. Acesso em: 29 set. 2021.

CARTAXO, V. Eu, minha família e a Tecnologia. **Revista Psique: uma multidão de solitários**. São Paulo, v. 82, n. 148, p.44-51, jun. 2018.

CARVALHO, E. A. D. A.; SIMÃO, M. T. J.; FONSECA, M. C.; ANDRADE, R. G. D.; FERREIRA, M. S. G.; *et al.*, (2013). Obesidade: aspectos epidemiológicos e prevenção. **Revista Médica de Minas Gerais**, 23, 74-82. doi: 10.5935/2238-3182.20130012. Acesso em: 27 mar. 2020.

CCNCI - **Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2016)**. Estudo nº II: Importância dos vínculos familiares na primeira infância. Redação: Beatriz Abuchaim, Rogério Lerner, Maria Malta Campos, Debora Mello. Disponível em: <<http://www.ncpi.org.br>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

COPETTI, A.V.S.; QUIROGA, C.V. A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo , v. 10, n. 2, p. 161-177, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272018000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2020.

D'AVILA, G. L., MULLER, R.L.; GONSALEZ, P.S.; VASCONCELOS, F.A.G.; Associação entre estado nutricional da mãe e a frequência, local e companhia durante as refeições com o sobrepeso/obesidade de adolescentes da cidade de Florianópolis, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil [online]**. 2015, v. 15, n. 3, pp. 289-299. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1519-38292015000300004>>. Acesso em: 21 out. 2021

FARAH, J.F.S.; CASTANHO, P. Dimensões psíquicas do emagrecimento: por uma compreensão psicanalítica da compulsão alimentar. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, 21(1), 41-57, mar. 2018 <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n1p41.4>. Acesso em: 21 out. 2021.

FEIJÃO, G.M.M.; MORAIS, N.A. Interação família e trabalho: a percepção de docentes do ensino superior acerca da satisfação conjugal. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 83-96, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822018000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2021. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.111.07>.

FEDIDA, P. Corps du vide et espace de scéance. Paris, Editions Universitaires, 1977.

FIGUEIREDO, R. A obsessão pelo corpo e o desenvolvimento de transtornos alimentares em jovens adolescentes. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas** v. 4, n. 7, p. 253. jan/jun. 2019. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18634>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Volume XIII. (1913-1914). Editora Imago.

GIL, A. C; **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo. Editora Atlas. 2002.

HANSSON, E.; DAUKANTAITÉ, D.; JOHNSON, P.; Disordered eating and emotion dysregulation among adolescents and their parents. **BMC Psychology**, 5(12), 1-8 2017.. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40359-017-0180-5>. Acesso em: 15 mai. 2020.

IERVOLINO, S. A.; SILVA, A. A. DA; LOPES, G.; DOS S. S. P. L. Percepções das famílias sobre os hábitos alimentares da criança que está obesa/Perceptions of families about the eating habits of the child who is obese. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 16, n. 1, 1 jun. 2017. Acesso em: 08 out. 2021.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1991. In M. Klein, Inveja e gratidão, e outros trabalhos (1946-1963) (pp. 20-43). Rio de Janeiro. Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1946).

MELO, K.M.; CRUZ, A.C.P.; BRITO, M.F.S.F.; PINHO, L.; Influência do comportamento dos pais durante a refeição e no excesso de peso na infância. **Escola Anna Nery**, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/NQ9MgC7XJTvPVW7986KpXPS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2021.

MACIEL, A.D.M. A importância da imagem no cenário da contemporaneidade: uma necessidade da educação do olhar. **Revista Temas em Educação**, v. 22, n. 1, p. 95-109, 19 dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17537>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

MCDUGALL, J. **Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica**. 1983. Porto Alegre. Editora Artes Médicas.

MEDEIROS, T.J. Entre o conflito e o equilíbrio: ferramentas para examinar a relação trabalho-família. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 35, n. 88, dez. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/23366>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MELO, T. R.; JANSEN, A. K.; PINTO, R. D. M. C.; MORALES, R. R. D.; MORALES, N. M.; PRADO, M. M.; & SILVA, C. H. M. D. (2011). Qualidade de vida de cuidadores de crianças e adolescentes com sobrepeso ou obesidade. **Revista Escola de Enfermagem USP**. 45, 319-26. Acesso em: 27 mar. 2020.

MINERBO, M. Ser e sofrer, hoje. **Ide (São Paulo)**, São Paulo , v. 35, n. 55, p. 31-42, jan. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2020.

MISHIMA, F.K.T.; BARBIERI, V. O brincar criativo e a obesidade infantil. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 2009, v. 14, n. 3, pp. 249-255. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000300009>>. Acesso em: 15 out. 2021.

MOURA, F.E.G.A.; SANTOS, M.A.; RIBEIRO, R.P.P. A constituição da relação mãe-filha e o desenvolvimento dos transtornos alimentares. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas , v. 32, n. 2, p. 233-247, Junho 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2015000200233&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020.

OLIVEIRA, J. S; BARUFALDI, L.A.; ABREU. G.A.; LEAL, V.S.; BRUNKEN, G.S. *et al.* ERICA: use of screens and consumption of meals and snacks by Brazilian adolescents. **Revista de Saúde Pública [online]**. 2016, v. 50, 7s. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S01518-8787.2016050006680>>. Acesso em: 25 out. 2021.

OLIVEIRA-CARDOSO, É.A.; COIMBRA, A.C.; SANTOS, M.A. Qualidade de Vida em Pacientes com Anorexia e Bulimia Nervosa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília , v. 34, e34411, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100510&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020.

PEDROSA, C. M.; BONFIM, E. L. O Impacto Da Tecnologia No Ambiente Familiar e Suas Consequência Na Escola. **E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, Ano 6, Número 10, agosto de 2017. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171030115836.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

RIBEIRO, V.M.M. A psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea. 2016. 97 f. **Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília**,

Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10354>. Acesso em: 26 abr. 2020.

ROCHA, M.; PEREIRA, H.; MAIA, R.; SILVA, E. da; MORAIS, N.; MAIA, E. *et al* . Aspectos psicossociais da obesidade na infância e adolescência. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa , v. 18, n. 3, p. 713-723, dez. 2017 . Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862017000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2020.

RODRIGUES, R.R.M.; SOUZA, B.S.N. DE; CUNHA, D.B.; ESTIMA, C.C.P.; SICHIEIRI, R.; YOKOO, E.M. *et al*. Association between screen time and the variation of food intake markers among school-aged adolescents in Niterói/RJ, Brazil. **Caderno Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 24-33, Mar. 2020. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2020000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 maio 2020.

SANTOS, A.J.A.O.; BISPO, A.J.B.; CRUZ, L.D. Padrão de aleitamento e estado nutricional de crianças até os seis meses de idade. **HU Revista, Juiz de Fora**, 2016;42(2):119-124.

SANTOS, M.A.; LEONIDAS, C.; COSTA, L.R.S. Grupo multifamiliar no contexto dos Transtornos Alimentares: a experiência compartilhada. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro , v. 68, n. 3, p. 43-58, dez. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SILVA, J. I. DA; ANDRADE, A.C.S.; BLOCH, K.V.; BRUNKEN, G.S. Associação entre realização de refeições com os pais ou responsáveis e obesidade em adolescentes brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**. 2020, v. 36, n. 8, e00104419. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00104419>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVA, M.V.; ABREU, V.R.F. Relação entre obesidade e comida afetiva: uma revisão narrativa. **Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2020**. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1090>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SIQUEIRA, A.B.R.; DOS SANTOS, M.A.; LEONIDAS, C. Confluências das relações familiares e transtornos alimentares: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro , v. 32, n. 1, p. 123-149, abr. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SOUZA, L.B.; PANUNCIO-PINTO, M.P.; FIORATI, R.C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, São Carlos , v. 27, n. 2, p. 251-269, Junho 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019000200251&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020.

TEODORO, P.P., KOGA, T.M., NAKASU, M.V.P. Investigação dos padrões relacionais do vínculo mãe-filha envolvidos na obesidade feminina. **Revista de Medicina (São Paulo)**. 2017 abr.-jun.;96(2):63-72. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v96i2p63-72>>. Acesso em: 20 out. 2021.

VIANNA, M.; NOVAES, J.V. COMPULSÃO ALIMENTAR: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. **POLÊMICA, [S.I.]**, v. 19, n. 2, p. 084-103, jan. 2020. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/47387/31489>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

WINNICOTT, D.W. (2000). Introdução por M. Masud R. Khan. In **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958).

WINNICOTT, D. 1956. Preocupação materna primária (1978), pp. 399-405. In **Textos selecionados da pediatria à psicanálise**. Francisco Alves, Rio de Janeiro.

ZIMERMAN, D. E. Os quatro vínculos : amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: ArtMed, 2011. ISBN 9788536322780. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsmib&AN=edsmib.000000608&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 23 mar. 2020.